

ASPECTOS DA SUINOCULTURA NORDESTINA

FRANCISCO ASCÂNIO NOGUEIRA QUEIROZ*

O Suíno no Nordeste

O rebanho suíno do Nordeste contava, em 1968, com aproximadamente 17 milhões de cabeças, representando cerca de 26% do efetivo brasileiro.

As principais raças formadoras do rebanho regional são aquelas denominadas nacionais (Piau, Canastra, Caruncho, Nilo, Tatu e seus cruzamentos), descendentes de suínos de raças portuguesas, espanholas, italianas e asiáticas, aqui trazidas pelos colonizadores.

Já se verifica, porém, principalmente nas proximidades dos grandes centros, uma certa infusão de sangue de raças exôgenas melhoradas, sobretudo Duroc-Jersey e Wessex. Apesar disto, a grande maioria dos suínos da Região pode ser classificada como tipo "banha" com más características zootécnicas.

Embora a suinocultura esteja bastante difundida em todo o Nordeste, a maior densidade no rebanho é encontrada nos Estados de Alagoas e Paraíba, com 25,9 e 19,4 cabeças por km², respectivamente.

De acordo com a tabela 1, pode-se ter uma idéia, em termos absolutos e percentuais em relação ao Nordeste

e ao Brasil, da distribuição e valor do efetivo suíno por Estado da Região.

Como se pode observar, o Nordeste contribui em maior percentagem para a formação do efetivo suíno nacional do que para seu valor, o que dá uma primeira idéia das deficiências do suíno na Região.

Em termos de efetivo, os Estados da Bahia e Maranhão ocupam lugar de destaque, contribuindo, respectivamente, com 33% e 21% do efetivo regional.

Sob o aspecto quantitativo, o rebanho suíno nordestino vem se desenvolvendo de um modo geral a contento, situando-se atualmente, entre os maiores do mundo, somente superado pelos da China, Rússia, Estados Unidos e Alemanha Ocidental.

Visto, porém, sob o ponto de vista qualitativo, a situação do rebanho suíno da Região é bastante desfavorável, com uma taxa de desfrute em torno de 11%, carcaças de baixo rendimento e de características não muito satisfatórias.

A taxa de desfrute do rebanho nordestino é considerada muito baixa,

* Técnico da Divisão de Agricultura do ETENE.

TABELA 1
EFETIVO E VALOR DO REBANHO SUÍNO
Nordeste — Brasil
1968

| Discriminação | Efetivo | | | Valor | | |
|-----------------|---------------------------|-----------------|--------------|------------------|-----------------|--------------|
| | Número (1.000 cab.) | % em Relação ao | | Em Cr\$ 1.000 | % em Relação ao | |
| | | NE | Brasil | | NE | Brasil |
| Maranhão | 3.537 | 20,8 | 5,4 | 132.370 | 16,2 | 3,5 |
| Piauí | 1.691 | 10,0 | 2,6 | 47.740 | 5,9 | 1,3 |
| Ceará | 1.684 | 9,9 | 2,6 | 64.800 | 7,9 | 1,8 |
| Rio G. do Norte | 835 | 4,9 | 1,3 | 36.312 | 4,5 | 1,0 |
| Paraíba | 1.340 | 7,9 | 2,0 | 70.479 | 8,6 | 1,8 |
| Pernambuco | 1.218 | 7,2 | 1,9 | 64.442 | 7,9 | 1,9 |
| Alagoas | 726 | 4,3 | 1,1 | 44.200 | 5,4 | 1,2 |
| Sergipe | 321 | 1,9 | 0,5 | 23.302 | 2,9 | 0,6 |
| Bahia | 5.630 | 33,1 | 8,5 | 331.603 | 40,7 | 9,0 |
| NORDESTE | 16.982 | 100,0 | 25,9 | 815.248 | 100,0 | 22,1 |
| BRASIL | 65.640 | — | 100,0 | 3.681.888 | — | 100,0 |

Fonte: ETEA — MA — Pecuária — Efetivos.

bem inferior a do Brasil como um todo (16%), e ínfima, se comparada com a de países de suinocultura desenvolvida, como por exemplo, o Reino Unido, onde esta taxa alcança mais de 180%.

A produção racional e econômica de suínos se baseia em três pontos fundamentais:

- tipo de suíno explorado;
- alimentação;
- manejo adotado.

Através do estudo destes três aspectos pode-se chegar a uma resposta para os baixos níveis de produtividade apresentados pela suinocultura nordestina.

Tipo de Suíno Explorado

Nos rebanhos regionais, há uma predominância absoluta de porco tipo banha, originário das raças aqui trazidas pelos colonizadores, já bem degeneradas por cruzamentos incontrolados, má alimentação e manejo de modo geral deficiente.

Deve-se observar que o porco tipo banha, explorado predominantemente na Região, já se encontra totalmente superado, onde quer que se pratique uma suinocultura racional, tendo sido substituído pelo porco tipo carne.

As vantagens oferecidas pelo porco tipo carne têm sido demonstradas exaustivamente não só por zootecnistas em pesquisas cientificamente con-

troladas como nas explorações de caráter econômico em países de suinocultura desenvolvida.

Alimentação e Manejo

A criação de suínos no Nordeste é feita quase que exclusivamente de forma extensiva, sem ter, praticamente, qualquer assistência, sobretudo durante o inverno, quando os suínos são colocados em grandes "sôltas" em que terão de conseguir sua própria alimentação, sendo totalmente esquecidos durante esta época do ano.

Os caracteres morfológicos e fisiológicos de um animal são condicionados ao tipo de atividades que ele exerce. Necessitando lutar por sua sobrevivência, o suíno do Nordeste vem desenvolvendo caracteres adaptados ao seu sistema de vida, quais sejam, cabeça pesada, trem anterior desenvolvido, trem posterior seco, menor tamanho, baixa prolificidade e pouca precocidade. É desnecessário salientar que todas estas características são altamente indesejáveis do ponto de vista zootécnico.

Em matéria de cuidados sanitários, quase nenhuma assistência é dada ao rebanho da Região. A vacinação contra a peste suína, principalmente nas proximidades dos grandes centros urbanos, já é regularmente utilizada, embora não muito de acordo com as normas prescritas, o que não acontece nas zonas mais afastadas, onde a aquisição de produtos veterinários oferece dificuldades ao criador, razão por que todos os anos se registram grandes mortandades ocasionadas por esta doença.

A quase totalidade do rebanho suíno da Região encontra-se infestado por endo e ecto parasitas, o que, aliado a

vários outros fatores, contribui para a debilitação do animal. Os criadores, via de regra, não têm condições de implementar programas de erradicação parasitária.

Durante a safra do milho, os animais são utilizados para consumo dos criadores são vendidos a "engordadores" que os confinam em pequenos currais onde são engordados por um período aproximado de três meses, após o que são comercializados para abate na própria sede do município ou transportados vivos para outros centros consumidores.

Isto gera um excesso de oferta durante os meses subsequentes ao início da safra do milho, com conseqüente aviltamento dos preços ao produtor, criando-se um fator de desestímulo ao desenvolvimento da suinocultura na Região.

O rebanho de "cria" raramente recebe suplementação de alimentos, vivendo praticamente do que consegue obter no campo. A má alimentação crônica, com períodos cíclicos de fome aguda, pode ser considerada fator importante para explicar o estado de degenerescência em que se encontra o rebanho suíno do Nordeste.

Produtividade

São responsáveis pela baixa produtividade média do rebanho suíno do Nordeste, afetando não só o peso e a qualidade das carcaças como também a taxa de desfrute, através dos seguintes aspectos negativos: a) baixo número de partos/porca/ano; b) pequeno número de leitões por parto; c) pequena percentagem dos leitões nascidos chega ao abate; d) idade avançada do abate.

Em 1967, o peso médio da carcaça de suíno no Nordeste encontrava-se em torno de 53 kg, bem inferior a do Brasil como um todo, que é de cerca de 68 kg. Deve-se ressaltar, entretanto, que, embora o rebanho nordestino venha experimentando certo melhoramento no que diz respeito ao peso médio da carcaça, em alguns Estados (Piauí e Maranhão), cujos efetivos suínos correspondem a cerca de 31% do rebanho da Região, o peso médio das carcaças ainda se encontra abaixo de 40 kg.

Produção e Mercado de Carne e Gordura Suínas

A produção de carne suína no Nordeste, em 1967, foi de 49.546 toneladas e a de gordura de 41.026 toneladas. A participação percentual de cada Estado do Nordeste na oferta global, de

carne e gordura suínas, para a Região, em 1967, consta da tabela 2.

O valor da produção de suínos no Nordeste, em 1967, alcançou, a preços de 1968, Cr\$ 214.274 mil. Este montante representava 33,7% do valor da produção do item "Animais e Derivados" e 5,7% do valor da produção do setor agrícola regional, o que diz bem da importância econômica de que se reveste a suinocultura no Nordeste.

Tendo em vista que o Nordeste não exporta carne e gordura suínas e que as importações desses produtos podem ser tidas como praticamente irrelevantes, pode-se considerar, para esses bens, como sendo a produção igual à oferta.

De um modo geral esta oferta tem-se apresentado de certa forma instável, na maioria dos Estados, o que pode ser explicado pela influência dos seguintes fatores: a) variações climáticas im-

TABELA 2
PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS NA OFERTA DE CARNE E GORDURA SUÍNAS [NO NORDESTE.

1967

| Discriminação | Carne | | Gordura | |
|---------------------|----------------|------------|----------------|------------|
| | Quantidade (t) | % do Total | Quantidade (t) | % do Total |
| Maranhão | 3.975 | 8,0 | 2.312 | 5,6 |
| Piauí | 4.514 | 9,1 | 2.510 | 6,1 |
| Ceará | 6.387 | 12,9 | 4.439 | 10,8 |
| Rio Grande do Norte | 2.256 | 4,6 | 1.619 | 3,9 |
| Paraíba | 4.433 | 8,9 | 3.210 | 7,8 |
| Pernambuco | 8.107 | 16,4 | 5.387 | 13,2 |
| Alagoas | 1.552 | 3,1 | 1.041 | 2,5 |
| Sergipe | 1.589 | 3,2 | 1.136 | 2,8 |
| Bahia | 16.733 | 33,8 | 19.372 | 47,3 |
| Nordeste | 49.546 | 100,0 | 41.926 | 100,0 |

Fonte: ETEA — MA, Carnes, Derivados e Subprodutos.

previsíveis; b) produção cíclica; c) poucas alternativas de comercialização; d) variações nos preços.

A estabilidade da oferta de suínos é afetada por êsses fatores em medida tanto maior quanto mais débeis se mostrarem os produtores. No Nordeste, os produtores de suínos raramente são constituídos sob a forma de empresas racionalmente organizadas. Na maioria dos casos tratam-se de pequenas criações, complementares de outras atividades, mantidas apenas para aproveitamento de recursos naturalmente disponíveis.

Assim sendo, os produtores de suínos da Região apresentam-se bastante vulneráveis a variações climáticas, a safras e a problemas sanitários, além do que, dada sua pequenez, dispersão e desorganização, nenhuma ingerência têm no processo de formação dos preços, os quais, normalmente, são fixados pelos intermediários.

A suinocultura no Nordeste encontra-se no início de uma fase de transição entre as formas de criação empíricas, pouco produtivas, domésticas e complementares, e as explorações do tipo empresarial, de alta produtividade e de organização racional.

Destarte, é natural que o mercado de produtos suínos encontre-se também numa etapa de ajustamento às novas necessidades da oferta e da demanda, inclusive sob o aspecto qualitativo, apresentando, portanto, uma certa instabilidade, com efeitos prejudiciais sobre produtores e consumidores.

Com o intuito de tornar possível uma visão das perspectivas da suinocultura nordestina, quanto ao aspecto

de mercado, para um futuro próximo, efetuaram-se projeções:

- a) de oferta — com base na tendência histórica observada nos últimos 11 anos;
- b) de demanda — através da aplicação, a partir do ano base de 1967, de uma provável taxa de crescimento do consumo, na qual foram consideradas as variáveis: incremento da renda, elasticidade-renda da demanda e crescimento da população.

Os resultados obtidos tornam aceitável concluir-se não haver, nos próximos anos, no Nordeste, mercado para carne e gordura suínas capaz de absorver incrementos de produção e, portanto, de oferta, maiores que os observados para a tendência histórica.

Nas atuais condições, o mais benéfico para a suinocultura nordestina seria, não um rápido incremento da produção, para o qual o mercado ainda não está preparado, mas sim uma programação visando ao aumento da produtividade na exploração suína, emprestando-lhe maior rentabilidade e, portanto, melhores condições para a conquista e/ou formação de um mercado estável para seus produtos. Posteriormente, a própria estruturação e desenvolvimento do mercado irão incentivando e tornando possível um aumento no ritmo de crescimento da produção de suínos. É preciso levar em conta que, um aumento imediato da produção de suínos no Nordeste, antes que o mercado esteja estruturado e capacitado para tanto iria provavelmente ocasionar graves problemas de comercialização, com conseqüências

danosas para produtores e consumidores.

Possibilidades da Suinocultura Nordeste

As possibilidades de desenvolvimento da suinocultura no Nordeste se prendem à consecução das seguintes metas:

1) *Aumento da Produtividade e Melhoria da Qualidade*, através de:

- estabelecimento e manutenção de uma infra-estrutura, sob a forma de disponibilidade de rações, medicamentos e assistência técnica, que permita ao criador produzir de maneira mais adequada e, portanto, mais produtiva e rentável;
- orientação e financiamento aos criadores no sentido de que possam melhorar a produtividade de seus rebanhos por um processo não muito rápido de absorção, a partir de reprodutores das raças especializadas mais adaptáveis às condições locais.

2) *Conquista e Consolidação de um Mercado Estável para os Produtos Suínos*, através de:

- organização de uma infra-estrutura de comercialização

que permita aos consumidores e aos produtores disporem de melhores condições de compra e venda de produtos suínos;

- manutenção de uma campanha efetiva e constante de promoção dos produtos suínos, industrializados ou não, junto ao consumidor, procurando livrá-lo de preconceitos e modificar-lhe os hábitos de consumo, induzindo-o a utilizar-se de maiores quantidades desses produtos na sua alimentação.

3) *Implantação de Cooperativas de Suinocultores*, que atuariam:

- no aumento do poder de barganha dos suinocultores no mercado de insumos e de produtos finais;
- no fornecimento dos insumos necessários à produção;
- na tarefa de comercialização do suíno e seus produtos;
- na prestação de assistência técnica e creditícia aos seus associados;
- facilitando a efetivação de programas localizados de desenvolvimento suinícola;
- no desenvolvimento sócio-cultural de seus membros.

SUMMARY

In 1968 the number of swine in the Northeast was counted as approximately 17 million head, estimated at a value of 815 million cruzeiros. In relation to the Brazilian total number of swine, it represented around 26% and 22%, in terms of quantity and value, respectively.

Although placed, numerically, among the largest of the world, the herd of swine of the region is qualitatively deficient, with an average utilization of around 11%, carcasses of low rentability and less than satisfactory characteristics.

The species of swine mainly raised in the region has unfavourable characteristics, from the zootechnic point of view. That, with deficient feeding and inadequate handling, may be altogether considered as the three basic factors responsible for the low average productivity of the Northeastern swine.

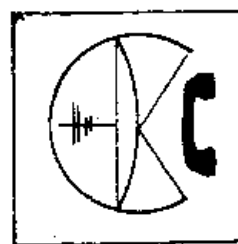
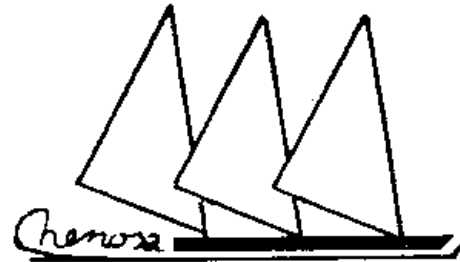
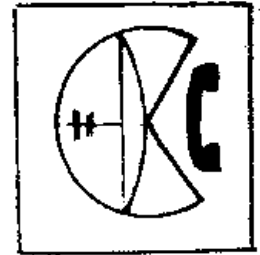
The value of Northeast swine production attained 214 million cruzeiros in 1967 (at 1968 prices). Just to have an idea of its economic importance, it is convenient to point out that such an amount stands for 34% of the value of the production of the item "Animals and by-products" and 5.7% of the value of production in the regional agricultural sector.

Swine raising in Northeast is at the starting point of a phase between empirical raising, which whether domestic or complementary to other products is less productive, and the exploitation of the entrepreneurial type, of high productivity and rational organization.

In this way, it is natural that the market for swine products is in a phase of adjustment to the new necessities of supply and demand, including the qualitative aspect, and thus it presents some instability.

Projections on supply and demand lead us to the conclusion that in the next few years will not be a market for pork and lard in the Northeast, capable of absorbing the increase of production, which will, consequently, prevent a larger supply than that observed in past history.

The possibilities for the development of swine production in Northeast depends, basically, on: a) increase of productivity and improvement of quality; b) conquest and consolidation of a stabilized market; c) establishment of a functional swine raising cooperative system.



**FINANCIAMOS
INDÚSTRIAS**